



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**O FEMINISMO NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS:
ESPECTROS DA SUBMISSÃO E DA RESISTÊNCIA**

RERILENE FERREIRA DE LIMA

JOÃO PESSOA/PB
NOVEMBRO 2016

RERILENE FERREIRA DE LIMA

**O FEMINISMO NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS:
ESPECTROS DA SUBMISSÃO E DA RESISTÊNCIA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador

JOÃO PESSOA/PB
NOVEMBRO 2016

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

RERILENE FERREIRA DE LIMA

**O FEMINISMO NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS:
ESPECTROS DA SUBMISSÃO E DA RESISTÊNCIA**

AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA

Comunicamos à coordenação de Monografia do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa (Licenciatura) que a monografia da aluna: Rerilene Ferreira de Lima, Matrícula 11123827, intitulada O feminismo nos contos de fadas tradicionais: espectros da submissão e da resistência, foi submetida à apreciação da comissão examinadora composta pelos seguintes professores: Dr. Hermano de França Rodrigues (Orientador), Prof^a Msc.Emannuelle Carneiro da Silva (Examinadora) e Dr. Ulysses de Araújo Lima.. (Examinador), no dia 23/11/2016, às 14:00 horas, no período letivo 2016.1. A monografia foi aprovada pela comissão examinadora e obteve nota 10.0 (DEZ). Reformulações sugeridas: Sim (x) Não ()

Comissão examinadora

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Orientador)

Prof.^a Msc.Emannuelle Carneiro da Silva
(Examinadora)

Prof. Dr. Ulysses de Araújo Lima.
(Examinador)

CIENTE: _____

Rerilene Ferreira de Lima

Dedico este trabalho ao meu filho LINCOLN KEVIN, por todo apoio, carinho e
compreensão.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por ter me dado capacidade de idealizar meus objetivos e concretizá-los.

A MINHA FAMÍLIA por acreditar na minha vitória.

AO PROFESSOR ORIENTADOR DR. HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES pelas orientações recebidas, dedicando seu tempo aos atendimentos prestados.

Aos PROFESSORES pelos conhecimentos transmitidos em prol do aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Aos COLEGAS pelas amizades construídas e fortalecidas.

“É certo que com a passagem do tempo os contos sempre se renovam, mas é por isso mesmo que suas raízes devem ser muito antigas [...]. A base épica da poesia popular assemelha-se ao verde que se espalha por toda a natureza em múltiplas graduações, que satisfaz e acalma, sem nunca cansar”.

Jacob e Wilhelm Grimm

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal compreender o feminismo nos contos de fadas tradicionais: espectros da submissão e da resistência. Entendemos que o tratamento da Literatura Infantil visando somente à habilidade de leitura ou como veículo para instrução moral ou cívica torna-se inadequado para a formação de leitor literário. A leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual. Para isso, é preciso que o livro infantil seja agradável aos olhos e possua um texto encantador, estimulando o imaginário infantil. Podemos concluir, assim, que a mulher, enquanto um sujeito de direito é marcado pela ambiguidade entre o passado e o presente, ou seja, entre as lutas e as conquistas: um sujeito que tem de conviver com os velhos estereótipos sociais e os novos (aqueles que passaram a existir a partir do momento em que conseguiu conquistar direitos legalmente reconhecidos). Os processos de individualização do sujeito-mulher parecem se dar nos limites, nas fronteiras entre a semelhança e a diferença em relação ao homem. Neste trabalho, utilizamos a versão de Jacob e Wilhelm Grimm. De acordo com essa versão, Branca de Neve é a realização do desejo de sua mãe em ter uma linda criança e no conto de Cinderela mostra a mulher feminina, doce desejável e obediente.

Palavras-chave:

Literatura Infantil. Representação Feminina. Contos de Fada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	12
1. QUE É LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	12
1.2 Papel da Literatura Infanto-Juvenil e a Formação do leitor	15
1.3. Tipos de Literatura Infantil: Clássica e Contemporânea.....	17
CAPÍTULO II.....	19
2. A CONDIÇÃO FEMININA AO LONGO DA HISTÓRIA.....	19
2.1. Idade Média.....	20
2.2. Idade Moderna.....	21
CAPÍTULO III.....	22
3. VERSÕES ORIGINAIS DOS CONTOS PELOS IRMÃOS GRIMM.....	22
3.1. Cinderela.....	22
3.2. Branca de Neve.....	30
CAPÍTULO IV	40
4. ANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS	40
4.1. Cinderela.....	40
4.2. Branca de neve.....	41
CAPÍTULO V.....	42
5. A Psicanálise dos contos de fadas Cinderela e Branca de Neve.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
7.. REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil surgiu no século XVIII de acordo com a preocupação com a infância, com a intenção de formar moral e socialmente as crianças. Essa visão prorrogou-se durante muitos anos e, desde então, a literatura é utilizada como meio de transmitir valores às crianças.

A criança passa a ter maior visibilidade, a partir do século XIX e as produções literárias iniciam com a preocupação das necessidades como também o desenvolvimento da infância.

Através da literatura e da escola, surgem as características pedagógicas, por meio dos quais a literatura tem como finalidade de instruir e formar o caráter da criança. Diante dessa ligação com o pedagógico, existe a preocupação em estimular os consumidores das obras impressas.

Com a valorização dos livros, em meados do século XX, surge no Brasil Monteiro Lobato e sua ‘Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, o grande sucesso de suas obras, oportuniza a produção de obras literárias infantis. Em meados de 1970, a literatura é vista como fator importante ao desenvolvimento intelectual e cultural da criança, através disso expandiram-se a números importantes da edição de livros infantis e sua produção.

As crianças têm grande ligação com os livros de Literatura Infantil, pois esses estimulam a imaginação, divertem, permitem uma melhor compreensão do mundo e desenvolvem o raciocínio. Para se obter esses conhecimentos faz-se necessário que dominem o processo da leitura, processo esse que está ligado à educação escolar.

A literatura infantil leva a criança à descoberta do mundo, onde sonhos e realidade se incorporam, onde a realidade e a fantasia estão intimamente ligadas, fazendo a criança viajar, descobrir e atuar num mundo mágico; podendo modificar a realidade seja ela boa ou ruim.

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, pode-se observar duas tendências próximas daquelas que já influenciavam a leitura das crianças: dos clássicos, fizeram-se adaptações e do folclore, nasceu os contos de fada, até então quase nunca voltados especificamente para a criança.

Os irmãos Grimm, colecionadores de histórias folclóricas, estão assim ligados à gênese da literatura infantil. Tiveram seus contos republicados e adaptados uma infinidade de vezes, a tal ponto que hoje tais relatos se apresentam demasiadamente modificados.

Através da literatura infantil, o professor pode trabalhar diferentes temas e assuntos, que fazem parte da transversalidade, como Ética, Meio ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. O tema que mais se trabalha e que vem sendo assunto de discussões e debate nas escolas é a Ética, que diz respeito às reflexões sobre condutas humanas.

Os contos de fadas estão carregados de valores pertencentes ao contexto em que foram criados, mas abordam questões consideradas universais e atemporais, como os conflitos familiares, as relações de poder, a formação de valores, sempre misturando realidade e fantasia. Daí o seu fascínio e sua importância tanto no ambiente familiar, quanto na escola. Ao ouvir e/ou ler histórias, a criança poderá fazer associações entre os personagens e as pessoas com quem lida no seu dia-a-dia. Um bom exemplo dessa ligação pode estar na representação da figura feminina na vida da criança. Em grande parte de seu tempo, ela se mantém em contato com pessoas do sexo feminino (irmãs, mãe, madrasta, tias, avós, professoras) que, de alguma forma, influenciam na sua formação

Em relação a educação feminina, a história da humanidade nos revela que a mulher teve uma educação diferenciada do homem, foi educada para servir e conseqüentemente o homem para ser o seu senhor. Enquanto morava na casa dos pais, era dominada pelo pai ou pelo irmão mais velho e, ao se casar, esse comando passava ao marido que exercia sua autoridade, sendo a mulher, tratada como um objeto.

A mulher começou a ter acesso à educação, a partir do século XX, mas inicialmente muito inferior em relação a educação dos homens e em meados da década de 1960 seu trabalho ainda não era reconhecido dentro dos setores industriais. Na década de 1980 houve uma evolução na educação, na qual a mulher começou a ocupar postos de trabalho.

A metodologia utilizada para este trabalho quanto aos objetivos e procedimentos caracteriza-se como pesquisa bibliográfica que tem como título: O feminismo nos contos de fadas tradicionais: espectros da submissão e da resistência, onde terá abordagem qualitativa. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal, ” mostrar o feminismo nos contos de fadas tradicionais, apresentando através da Literatura, a sua evolução histórica”.

CAPÍTULO I

1. QUE É LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A partir do início do século XVIII, a literatura infantil europeia começa a delinear-se, em 1697, através de Charles Perrault publicou os famosos Contos da Mãe Gansa. Antigamente não se escrevia diretamente para a criança, pois não se considerava que existisse infância: a criança era tratada como um adulto em miniatura. No momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança, surge o conceito de literatura infantil. De acordo com isso, surge então a necessidade de uma literatura que pudesse contribuir para sua formação como indivíduo

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 2007, p. 13).

A nova valorização da infância gerou os meios de controle do desenvolvimento intelectual infantil e a manipulação de suas emoções, lembrando que, durante a Idade Média, a escola estava sob o domínio da Igreja Católica, e os conteúdos eram ministrados para os integrantes da nobreza e do clero. A pedagogia baseava-se na memorização, na acumulação de conhecimentos e na moralização da criança. Essa escola transmitia a cultura erudita. Diante disso, o texto literário ganhou importância, já que contribuía para a formação dessa criança.

Durante os séculos XVIII e XIX, predomina um regime disciplinar severo, a criança é confinada em internatos. Nessa época, iniciam os estudos em Psicologia Infantil e Pedagogia, embora a preocupação dessas ciências é utilitarista, estando ansiosa em apressar o processo de amadurecimento infantil.

No Brasil, nos anos próximos a República, diante da campanha pela modernização social, *Le Tour de La France Par Deux Garçons* e *Cuore* se destacaram em exemplos. O livro francês de G. Bruno foi exemplo de uma adaptação mais sofisticada, sendo fonte de inspiração em 1910 o famosíssimo *Através do Brasil*, que escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, consagrou-se numa literatura apaixonada e obrigatória de diversas gerações de brasileiros.

O ponto de partida da literatura infantil, sob o aspecto de consagração universal na França do século XVII, encontraremos na obra fantasiosa de Perrault e na obra de caráter didático de Fénelon.

Para o público infantil, suas primeiras obras publicadas, surgem no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII, anteriormente a isso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que colaboraram como literatura também apropriados a infância, como os contos de fadas ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Anderson, segundo estudos realizados não eram eles próprios que escreviam essas histórias, eles são apenas alguns dos escritores que se interessavam na literatura da época e que ouviam as histórias de autores anônimos, que durante séculos vinham sendo transmitidas, oralmente e transcreviam essas histórias por escritos. Vários estudiosos tentaram desvendar alguns mistérios que a literatura foi percorrendo ao longo dos anos para chegar até nós, mas só conseguiram levantar hipóteses. Autores que consagraram a literatura infantil:

Charles Perrault (1628 - 1703), ouvia e adaptava as lendas e narrações afloradas de tradição e folclore, imortalizou-se com os contos maravilhosos, como o do Gato de Botas e o da Gata Borracheira, hoje é considerado o autor clássico do gênero, como também Andersen e os irmãos Grimm. Foi lançado na data de 1697, o primeiro livro de Perrault.

Fénelon (1651-1715) suas técnicas e qualidades pedagógicas foram aplicadas na educação do neto do rei Luís XIV (duque de Borgonha). Sua obra mais famosa, foi em “Telêmaco, relatando as aventuras do filho de Ulisses. Considera-se que o autor, disfarçado como Mentor, ensinava ao duque os deveres de um príncipe.

La Fontaine (1621-1695) considerado o clássico moderno das fábulas, adaptadas, constituem o encanto infantil, com as fábulas, retomando a tradição de Esopo e Fedro.

Hans Christian Andersen (1805 -1875) é visto como o mais sensível e delicado escritor do gênero. Com seu estilo, a magia está sempre presente, representada através da poesia, é autor de 156 contos maravilhosos entre eles figuram “ O Patinho Feio”, “o Caracol e a Rosa”, “ Sapatinhos Vermelhos”.

Os Irmãos Grimm, que são eles: Luís Jacob (1785-1863) e Guilherme Carlos (1786-1859) além de filólogos e lexicógrafos, são os pioneiros dos estudos folclóricos, publicaram contos populares e lendas alemãs, todos os contos que escreveram os celebrizaram.

Falamos acima sobre a Literatura Infantil, os autores que marcaram com livros infantis e alguns traços que a literatura percorreu. A Literatura Brasileira fez um longo percurso para chegar até aqui, percebe-se a expressão de um pensamento e sentimento que não se confundem mais, a atividade literária dos brasileiros, na última década do século XVIII, é manifestada através da poesia.

Monteiro Lobato, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac entre outros, são alguns autores brasileiros que também marcaram a literatura.

A Obra de Machado de Assis, “ História da Literatura Brasileira”, foi uma ascensão e foi no Brasil durante o século XX que ele iniciou a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de 1881, é notório sua grande capacidade de observação da pessoa humana impressa em suas páginas.

Pela busca da perfeição formal na poesia, Olavo Bilac, se destaca, com a preocupação com a riqueza e a correção da língua e do verso.

O estilo totalmente inovador, fizeram de Monteiro Lobato um dos maiores escritores da literatura Brasileira, principalmente na parte da literatura infantil. Devido Monteiro Lobato não apreciar muito as traduções dos livros europeus para crianças, e também sendo um super nacionalista, ele criou então, aventuras com personagens muito ligados à cultura brasileira, restaurando diversos costumes de lendas do folclore, finalizando Monteiro Lobato, foi inclusive, o pioneiro na literatura paradidática, mostrando a história, geografia, matemática, de maneira muito divertida com seus personagens.

A literatura infantil em meados dos anos 60 e 70, após ter conquistado com bravura o direito de falar com realismo e sem qualquer ação da realidade histórica, ela contempla-se a si mesma em seus textos, e foi se constituindo em objetos de estudos acadêmicos, teses, congressos e livros. Dentre os acontecidos mais relevantes, foi a década de Juscelino, que com o golpe de 64, houve assim um fortalecimento do setor editorial, durante esse governo é notório as providencias que justificariam a produção nacional de livros.

No livro de Zilberman, enfatiza que é a partir dos anos 60 que a modernização faz com que aconteça uma circulação de livros. Essa demanda atende a um público mais

numeroso e menos diferenciado. Sendo assim, a literatura infantil até a década de 50, era marcada pelo então ruralismo e a cidade passou a introduzir o livro para crianças.

” E assim o gênero, se continua marcado por procedimentos e circulação presentes desde o seu nascimento, em fins do século passado, soube incorporar de cada período certas marcas essenciais para dialogar com seu tempo. E chega a modernidade com a ambição maior de dialogar em pé de igualdade com a literatura não-infantil. ” (Regina Zilbermam /Marisa Lajolo – Um Brasil para crianças, pag182).

1.2. PAPEL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A FORMAÇÃO DO LEITOR

A Literatura Infantil contribui com a relevância no conhecimento de mundo que a criança possa adquirir. Quando uma criança desenvolve o senso crítico a partir de uma leitura, ela passa a dialogar, questionar e sendo assim, concordar ou não com a visão do autor, desenvolvendo a arte através da fantasia e alcançando questionamentos ilimitado no seu imaginário, como também a elaboração de novos textos, pinturas, desenhos, colagens etc. A importância da arte literária pode revelar uma visão de mundo, mostrando a realidade e fazendo a relação com suas experiências pessoais.

Para Zilberman, é concluído que:

É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a Literatura Infantil oferta à educação. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem-comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (2003, p. 30)

O educador deve incentivar aos alunos que a literatura é algo prazeroso e não há esforços nem dificuldades, mostrando que o convívio com os livros, vai além do desenvolvimento sistemático da sua escolarização. A literatura, sendo bem trabalhada na escola, leva a criança a ler, desenvolvendo o senso crítico e melhorando a escrita.

Mesmo sendo a Literatura Infantil, oferecida aos pequenos, não necessita o uso de uma linguagem infantilizada, pois os posicionamentos mais diferenciados tornam o texto mais rico. A Literatura Infantil necessita ter qualidade estética que facilite a qualquer pessoa, uma leitura prazerosa, levando o leitor a encantar-se, e permitindo que o leitor pense, sinta, interaja e descubra os sentidos escondidos.

Para que a criança se torne um futuro leitor, é necessário entrar em contato com o mundo da literatura logo cedo, a familiaridade com o livro, a possibilidade de utilizá-lo são estímulos para incentivar o hábito da leitura desse futuro leitor.

Quando se usa a literatura para ensinar a ler e escrever, torna o processo mais significativo, prazeroso e lúdico, permitindo que os alunos desenvolvam a produção textual e aperfeiçoem suas próprias produções de histórias.

O professor geralmente é aquele que inicia a criança nas letras, que lhe incentiva o gosto pela leitura. É ele que oferecerá o repertório de títulos para que possam seguir suas preferências. Ao levar um livro literário para a sala de aula, deve conhecê-lo e planejar um trabalho a ser realizado que corresponda às expectativas das crianças. Além disso, ao ler a história em voz alta, ele torna-se um modelo de leitor para crianças e, conseqüentemente, uma referência. (PAIVA; RODRIGUES, 2009, p.112)

As crianças desenvolvem capacidades essenciais para a aprendizagem da leitura e da escrita, através de experiências significativas com a linguagem, através das histórias infantis, bem planejadas, estimulando-as a mergulhar no mundo da escrita.

O trabalho com a Literatura Infantil possibilita a ligação entre ler e escrever, além do resgate padrão da língua, de estruturas mais complexas, desenvolvendo de modo globalizado o desempenho do falante. Desta forma, por meio da leitura é possível dominar o uso da linguagem de acordo com a norma culta: a acentuação gráfica a colocação dos pronomes, o emprego dos verbos, além da regência e concordância. Tudo isso sem a necessidade de obrigar o aluno à árdua tarefa de memorização de regras gramaticais e com a imensa vantagem de assimilação da linguagem o qual terá repercussões não só na escrita, mas também na fala e na própria leitura.

A leitura é uma atividade no qual o aluno vai assimilar o conhecimento, vai interiorizar refletir e a partir daí elaborar seu próprio texto. “Um dos objetivos sintomaticamente ausentes dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade”. (FERREIRO; TEBEROSKI, 1991, p.19).

É necessário que a escola incentive à prática da leitura como meio de acesso ao mundo real de forma significativa, sendo assim, a leitura se torna um grande instrumento contra a alienação das camadas populares.

Para Lajolo (1993), ler é essencial e a leitura literária é fundamental:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar, o cidadão para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 1993, p.106)

Aprender a ler, exige que a criança de sentido ao que se pede que ela faça. Enfim, o processo de aquisição da leitura, em conjunto com a literatura, tem o potencial de tornar-se mais acessível e lúdica.

1.3. TIPOS DE LITERATURA INFANTIL: CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA

De acordo com Cunha (1999), a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura. Existiam no século XVIII, duas realidades. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares. O tempo foi passando, e esses clássicos passaram por adaptações e os contos folclóricos, deram lugar aos contos de fadas.

No século XVII, Charles Perrault selecionou vários contos populares da França, enquanto os Irmãos Grimm coletaram lendas e contos germânicos um século depois. Os contos selecionados por estes autores, passaram por adaptações e foram republicados várias vezes e encontram-se até mesmo alterados, pois, as histórias clássicas e as histórias infantis, não eram e não estão na sua origem.

Perrault, iniciou a fantasia na Literatura Infantil e sendo assim, possibilitou o surgimento de vários outros autores de obras dirigidas especialmente às crianças. Devido à valorização da racionalidade, durante o Iluminismo, as histórias que optaram pela presença do maravilhoso, foram esquecidas por não estarem de acordo com os valores estabelecidos, pois neste período, as pessoas valorizavam a razão e não o mágico e maravilhoso.

A era Romântica, teve início após a Revolução Francesa, onde as manifestações literárias de acordo com a fantasia reapareceram, a partir daí os contos de Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm foram consagrados.

Por mais de um século, são separados os contos alemães dos Grimm daqueles registrados na França, por Perrault. Porém, as semelhanças entre eles são claras. Uma das semelhanças é o quanto esses autores utilizaram o mesmo rótulo, contos de fada ou contos maravilhosos, para identificar suas histórias. Essa mesma terminologia foi utilizada em relação aos contos que Andersen procurou na Literatura popular nórdica durante vinte anos após a recolha dos Grimm.

Sendo assim, Hans Christian Andersen foi criador de uma Literatura especialmente utilizada para a infância, pois coletou versões de contos orais, ligando a outros de procedência literária, publicando esses contos orais em 1835.

Os textos clássicos, em geral, são cheios de verdades e certezas, concentrando símbolos que trazem conceitos, rotulam comportamentos e reforçam padrões.

Ao fazermos a relação do passado ao presente, percebemos que os contos clássicos são recontados pelos contos modernos, com os elementos de acordo com a atualidade, sendo notório a crítica sobre os valores sociais da época; as mudanças de atitudes na cultura são representadas, claramente, como também o simbólico.

No século XVII, estudiosos viam a importância de se trabalhar a literatura infantil envolvendo a construção de histórias, pois tratava-se de um gênero literário produzido por adultos e destinados exclusivamente ao público infantil.

Segundo Cunha (1999)

A história da literatura infantil começa a delinear-se no exercício do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos a receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta (p. 22)

O aparecimento da literatura infantil no Brasil foi iniciado pelo aceleramento da urbanização que ocorreu entre o fim do século XIX e o começo do século XX.

Nos contos contemporâneos, observamos que os contos de fadas possuem temas polêmicos e presentes no dia a dia, sendo a realidade mais próxima dos leitores como o questionamento aos valores estabelecidos. Percebemos que os protagonistas das histórias contemporâneas são mais ativos, são guerreiras, tem força, voz e não se deixam intimidar com o perigo.

Os elementos dos contos clássicos permanecem presente nos contos que surgiram na atualidade, o bem e o mal, as fadas, a magia, bruxas, os castelos, o príncipe e a princesa, e vários outros.

CAPÍTULO II

2. A CONDIÇÃO FEMININA AO LONGO DA HISTÓRIA.

Desde os primórdios da humanidade, a evolução histórica do papel da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, nos mostra que através de lutas e conquistas, foi possível deixar a obscuridade e o anonimato.

Da família da antiguidade à contemporânea, ocorreram diversas transformações. Na antiguidade, a mulher e os filhos viviam no regime patriarcal e eram submissos ao pai, no qual os filhos eram educados para seguirem os mesmos ensinamentos, não tendo direitos nem vontade própria, seguia então, os costumes e os ritos para a permanência e manutenção do patrimônio. Quem julgava o errado ou o certo, como também decidia o futuro dos filhos era o pai, enquanto a mãe, não tinha autoridade nenhuma e não podia dar opinião.

Segundo Coulanges (1996), a filha mulher ao se casar deveria seguir os passos da mãe. Se houvesse resistência, restava-lhe a vida religiosa ou o celibato. A mulher, ao sair da casa onde foi criada, não podia exercer nenhuma função, como trabalhar, estudar, mas deveria ser subalterna ao marido do mesmo modo como fora a sua mãe ao seu pai, não tinha vontade própria.

Devido a toda essa opressão, surgiu nas mulheres o desejo de se libertar e assim, passaram a ir de encontro a autoridade dos pais e maridos, surgindo o desejo de lutar por seus direitos, que lhes dessem igualdade frente aos homens e sendo assim, cumprissem com suas obrigações.

Naquela época como nos dias de hoje, as mulheres clamavam por liberdade de direitos, de poderem viver a vida, sendo capazes de lutar e de buscar seus direitos e isso, levou-as a promoverem movimentos de libertação, ocasionando com isso uma revolução cultural e modificando a estrutura familiar até então existente (COULANGES, 1996).

Muitos dizem que a mulher se subjugou ao homem por ser considerada mais frágil, facilitando para o homem, o poder centralizador de tomar as decisões e a direção. Contudo na realidade, tudo isso apenas serviu para que cada um tivesse sua função diante da sociedade, de acordo com seu preparo e da diferenciada educação.

2.1. IDADE MÉDIA

Na Idade Média, as mulheres além de exercerem o papel de esposas, mães e filhas, também exerciam vários outros papéis sociais. As mulheres, de forma autônoma, exerciam uma profissão e conseguiam desempenhar sem a tutela de seus maridos, alguns tipos de negócios. Registros documentais do século XIII relatam mulheres professoras, copistas, médicas, encadernadoras, boticárias, tintureiras, arquitetas, miniaturistas, desempenhavam alguns papéis de liderança importantes, e nas comunas burguesas, as mulheres exerciam o direito de voto

Diversas forças sociais destacaram o papel da mulher durante esse período, a Igreja Católica Romana, mantinha a força que guiava a população medieval, exercia o domínio cultural e religioso sob a população. Durante a Idade Média, a Igreja exercia uma enorme influência unificadora da cultura latina, utilizando a preservação da arte e da escrita. De acordo com a culturas celto-germânicas ou 'bárbaras' da Europa Ocidental, a mulher era independente e tinha *status* social, nas antigas sociedades bárbaras as mulheres preservavam um enorme prestígio.

No século XI no Ocidente, deu início ao culto mariano e a partir do século XII impõe-se a imagem de Maria na sociedade medieval. A presença e a promoção feminina na religião, deu-se através da grande valorização da imagem de Maria na Idade Média, diversas foram as mulheres entre os mártires. Muitas mulheres foram eleitas como santidades, já o modelo masculino de santidade predominava nos primeiros séculos da Idade Média, sendo em sua maioria, homens de fé.

A mulher, no judaísmo era muito subordinada ao marido, já a mulher romana possuía o *status* de uma menor, não podia participar e cumprir determinados atos jurídicos sem o consentimento do marido.

O casamento no período da Idade Média, acontecia quando as mulheres eram muito jovens em relação a seus maridos, o que dava um domínio completo do esposo. A manutenção do lar, era a principal atribuição e obrigação da mulher ao se casar, ocorreram várias mudanças no casamento, diversas camponesas solteiras ou casadas eram chefes ou anciãs de suas Aldeias. Nas classes populares, era igualitária a situação da mulher frente ao homem.

Na Idade Média, a condição feminina sempre foi repassada como uma condição de 'submissão' em relação aos homens, entre a aristocracia feudal.

Uma das maiores formas de marginalidade feminina na Idade Média era a prostituição, a maioria dos casos começava por volta dos 17 anos, porém um terço delas se vendia antes dos 15 anos. Cerca de 27% eram vítimas de violações públicas e uma quarta parte tinha sido prostituída ou levadas à prostituição pela família, outros 15% das mulheres vendiam o seu corpo por vontade própria e sem nenhuma coerção.

2.2. IDADE MODERNA

Na Idade Moderna, a mulher vem participando das mudanças ocorridas na contemporaneidade, e a cada dia conquistando seu espaço na área profissional. A mulher vem deixando de ser coadjuvante em vários segmentos sociais e profissionais e aos poucos suas habilidades femininas começam a ser bastante valorizadas.

A mão-de-obra feminina vem sendo cada vez mais permitida e solicitada, porém ainda existem algumas limitações, em relação ao seu acesso a cargos de maior qualificação.

Foram inúmeras conquistas sociais da classe feminina no mercado de trabalho, nas últimas décadas do século XX, porém ainda existe muito a ser conquistado. Atualmente, as mulheres possuem maior participação no mercado de trabalho, nas esferas econômica e política e são mais livres para escolher seu parceiro e assim estabelecer os laços da sua relação conjugal.

Na sociedade moderna, as mulheres saíram da esfera doméstica para ocupar diferentes funções, porém é de acordo com a classe social, que esse alcance e assimilação das diversas conquistas sociais femininas podem variar, pois, o nível de escolaridade para superar as diferenças entre homens e mulheres, faz toda diferença, tanto na família como também nas diferentes esferas sociais.

Mesmo diante de toda ascensão feminina, as mulheres continuam ocupando menos cargos de poder e prestígio e ainda são vistas como principais responsáveis pela família e pela casa.

Atualmente, a mulher vem aprendendo como encarar certas dificuldades encontradas na dupla ou muitas vezes, tripla jornada de trabalho, cuidando do lar, dos filhos e trabalho secundário. As mulheres vêm colaborando para a construção de uma

sociedade mais igualitária, no qual se destaca um novo papel para a mulher moderna desempenhar com sucesso.

CAPÍTULO III

3. VERSÕES ORIGINAIS DOS CONTOS PELOS IRMÃOS GRIMM

3.1. Cinderela (Jacob e Wilhelm Grimm)

Era uma vez um homem abastado cuja esposa estava muito doente. Quando ela sentiu que seu fim estava próximo, chamou sua única filha para perto e disse:

— Filha amada, se fores boa e fizer suas orações fielmente, Deus sempre a ajudará e eu olharei por você do céu, assim estaremos juntas para sempre.

Então, ela fechou os olhos e expirou.

A moça visitava diariamente o túmulo de sua mãe e chorava. Como sempre fora boa nunca deixava de fazer suas orações. Quando o inverno veio e a neve cobriu o túmulo como um lençol branco e depois quando o sol apareceu no início da primavera, derretendo-a, o homem rico casou-se novamente.

A nova esposa trouxe com ela duas filhas, elas eram belas e formosas na aparência, sobretudo de corações negros e vis. E começaram tempos muito difíceis para a pobre moça.

— Essa pata-choca estúpida há de se sentar na mesma sala com a gente? – disseram as irmãs. Para comer, deve ganhar seu pão. Volte para a cozinha que é o seu lugar.

Elas tiraram todos os vestidos bonitos da moça e no lugar deram-lhe um vestido velho e cinza. E para os pés, sapatos de madeira para o desgaste. — A princesinha orgulhosa, agora, olhe, que miserável – riram dela.

Então a mandaram para a cozinha. E lá foi forçada a fazer trabalhos pesados de manhã até à noite: levantar-se cedo antes do nascer do sol, buscar água, fazer o fogo, cozinhar e lavar. Além disso, as irmãs fizeram o máximo para atormentá-la. Zombando-a, jogavam ervilhas e lentilhas no meio das cinzas e faziam-na buscá-las. À noite, quando ela estava demasiadamente cansada com o trabalho de seu árduo dia, não tinha cama para deitar-se, era obrigada a descansar ao lado da lareira entre as cinzas. E como ela sempre parecia empoeirada e suja, foi chamada de Cinderela.

Um dia o pai foi ao mercado e perguntou às suas duas enteadas o que queriam que ele trouxesse.

— Roupas finas! – disse uma delas.

— Pérolas e joias! – disse a outra.

— O que você deseja, Cinderela? – disse ele.

— Pai – disse ela –, traga-me o primeiro galho que se opuser a seu chapéu no caminho de volta para casa, isto é o que eu quero que me traga.

Então, ele comprou para as duas enteadas roupas finas, pérolas e joias. E no caminho de volta, enquanto cavalgava por uma faixa verde, um galho de avelã chocou-se contra seu chapéu e ele quebrou e o levou para casa. Quando chegou em casa deu às enteadas o que tinha comprado e para Cinderela deu o galho de avelã. Ela agradeceu e foi para a sepultura de sua mãe. Lá plantou o galho, chorando tão amargamente que as lágrimas caíram sobre ele embebedando-o e assim floresceu e tornou-se uma boa árvore. Cinderela a visitava três vezes ao dia chorava e rezava. Cada vez que um passarinho branco sobrevoava a árvore e Cinderela proferisse qualquer desejo, o pássaro realizava tudo o que ela pedia.

Neste ínterim, o rei ordenara que fossem convidadas todas as mulheres bonitas e solteiras daquele país para um festival que duraria três dias. A festa era para que seu filho, o príncipe, escolhesse uma noiva entre todas as moças. Quando as duas enteadas souberam que também foram convidadas, sentiram-se muito satisfeitas, chamaram Cinderela e disseram:

— Penteie o nosso cabelo, limpe nossos sapatos, abotoe nossas fivelas rápido, vamos para a festa no castelo do rei.

Cinderela quando ouviu isso começou a chorar, pois ela também gostaria de ir ao baile, então pediu à madrasta para deixá-la ir.

— Oh, você Cinderela! – disse ela. Você que está sempre toda coberta de pó e sujeira, quer ir à festa? Como você pretende ir, sendo que não tem vestido nem sapatos?

Mas, como ela insistiu, finalmente a madrasta disse:

— Se você puder em até duas horas pegar todas as ervilhas que caíram nas cinzas, poderá ir conosco.

A moça foi até a porta dos fundos que dava para o jardim e gritou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu venham e me ajudem a pegar as ervilhas das cinzas. As boas coloquem no prato, as ruins joguem na plantação ou comam.

Em seguida, vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu, cantando e vibrando desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. Antes de uma hora estava tudo feito e voaram. Então a moça trouxe o prato para a madrasta, sentindo-se contente, e pensando que agora poderia ir à festa, mas a madrasta disse:

— Não, Cinderela, você não tem roupa adequada, você não sabe dançar e todos ririam de você!

E quando Cinderela começou a chorar, a madrasta acrescentou:

— Se você puder escolher em uma hora dois pratos cheios de lentilhas das cinzas, poderá ir conosco.

E a madrasta pensou consigo mesma:

— Ela não será capaz de apanhar tudo.

Quando a madrasta saiu, a moça foi até a porta dos fundos de frente para o jardim e bradou:

— Pombas, rolinhas e todas as aves do céu venham e me ajudem a pegar as lentilhas das cinzas. As boas coloquem no prato, as ruins joguem na plantação ou comam.

Então vieram à janela da cozinha duas pombas brancas, depois algumas rolinhas e por último uma multidão de todos os outros pássaros do céu, cantando e vibrando desceram por entre as cinzas. As pombas assentiram com a cabeça e começaram a pegar – peck, peck, peck, peck –, depois todas as outras aves começaram a colher – peck, peck, peck, peck – e colocaram todos os bons grãos no prato. E antes da meia-hora tudo foi feito e voaram novamente. Então a donzela levou os pratos para a madrasta, sentindo-se contente, e pensando que agora ela deveria ir à festa, mas a madrasta disse:

— Você não pode ir conosco, pois você não possui nada adequado para vestir e não sabe dançar, você nos envergonharia.

Ela virou as costas para a pobre Cinderela e apressou as suas duas filhas orgulhosamente.

Como não havia mais ninguém na casa, Cinderela correu até o túmulo de sua mãe e sob o arbusto de avelã, clamou:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Então o pássaro jogou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com seda e prata. Apressada ela colocou o vestido e foi para o festival. Sua madrasta e irmãs não faziam ideia quem era a moça, pensavam que deveria ser uma princesa estrangeira, parecia tão bonita em seu vestido de ouro. Cinderela nunca pensou que isso pudesse acontecer com ela, e pensar que estaria sentada em casa, escolhendo as lentilhas e ervilhas das cinzas.

O filho do rei veio ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Depois se recusou a dançar com qualquer outra moça e o mesmo fazia quando outros rapazes pediam para dançar com a donzela. Ele apenas respondia:

— Ela é minha parceira.

Eles dançaram até anoitecer. Quando a noite chegou, ela queria ir para casa, mas o príncipe disse que iria escoltá-la, pois esperava saber onde a bela moça vivia. Porém, ela conseguiu fugir dele e saltou para dentro do pombal. O príncipe esperou até que o pai de Cinderela chegasse, disse-lhe que a donzela desconhecida havia desaparecido dentro da casa dos pombos. O pai pensou: “Poderia ser Cinderela?”

O pai pegou seu machado e colocou o pombal a baixo, mas não havia ninguém lá. E quando eles entraram na casa lá estava Cinderela em sua roupa suja entre as cinzas, com óleo da lâmpada queimada em frente à lareira. Cinderela tinha sido muito rápida, tinha saltado para fora do pombal escapando de seu pai e do príncipe. Escondeu o vestido de ouro que usara atrás da árvore de avelã e o pássaro levou-o embora. Então com seus trapos se sentou entre as cinzas na cozinha.

No dia seguinte, quando a festa começou de novo e os pais levaram suas meias-irmãs, Cinderela foi até a árvore de avelã e disse:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido ainda mais esplêndido do que o primeiro. E quando ela apareceu entre os convidados todos estavam espantados com sua beleza. O príncipe estava esperando até que ela veio, pegou sua mão e dançou com ela sozinho. E quando outra pessoa tentava convidá-la para dançar, dizia:

— Ela é minha parceira.

Quando a noite chegou, ela queria ir para casa. O príncipe a seguiu, pois desejava saber a qual casa pertencia, mas ela fugiu mais uma vez e correu para o jardim na parte de trás da casa. Lá estava uma árvore bem grande, com peras esplêndidas, ela pulou tão levemente como um esquilo entre os ramos que o príncipe não notou o que havia

acontecido. Assim, ele esperou novamente até que o pai chegasse, disse-lhe que a moça desconhecida havia escapado dele e que acreditava que ela estava em cima da árvore de peras. O pai pensou: “Não poderia ser Cinderela?”

O pai pegou um machado e cortou a árvore, mas não havia ninguém nela. Quando entrou na cozinha lá estava Cinderela entre as cinzas, como de costume, pois ela desceu pelo outro lado da árvore, levou de volta suas roupas bonitas para o pássaro da árvore de avelã e tinha posto suas velhas roupas novamente.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs partiram, Cinderela voltou à sepultura de sua mãe e disse para a árvore:

— Árvore pequenina balance seus galhos sobre mim, que a prata e o ouro venham me cobrir.

Em seguida, o pássaro lançou um vestido, como nunca tinha sido visto, tão magnífico e brilhante, e os sapatos eram de ouro.



Quando ela apareceu com o vestido na festa, ninguém sabia o que dizer de admiração. O príncipe dançou com ela sozinho e se qualquer um quisesse dançar com a moça, mais uma vez respondia:

— Ela é minha parceira.



Quando chegou à noite, Cinderela precisava ir para casa e o príncipe estava prestes a ir com ela, quando a moça correu tão rapidamente que ele não pôde segui-la. Mas ele tinha elaborado um plano e espalhou piche nas escadarias, de modo que quando ela correu seu sapato esquerdo ficou em um dos degraus. O príncipe pegou o sapato e viu que era de ouro, muito pequeno e delicado. Na manhã seguinte, ele foi até o pai de Cinderela e disse-lhe que ninguém deve ser sua noiva se não aquela cujo pé no sapato de ouro deve se encaixar. Em seguida, as duas irmãs ficaram muito felizes, porque tinham pés bonitos. A mais velha foi para seu quarto para tentar colocar o sapato e sua mãe foi com ela. Mas o sapato era pequeno demais e seu dedão não cabia, então, sua mãe entregou-lhe uma faca e disse:

— Corta o dedo do pé fora, pois quando fores rainha, não precisarás dele, nunca terás que ir a pé.

A menina cortou o dedo do pé fora, apertou o pé no sapato, engoliu a dor e desceu até o príncipe. Ele a levou em seu cavalo como sua noiva e partiu. Tiveram que passar pela sepultura da mãe de Cinderela, lá estavam os dois pombos no arbusto de avelã e clamaram:

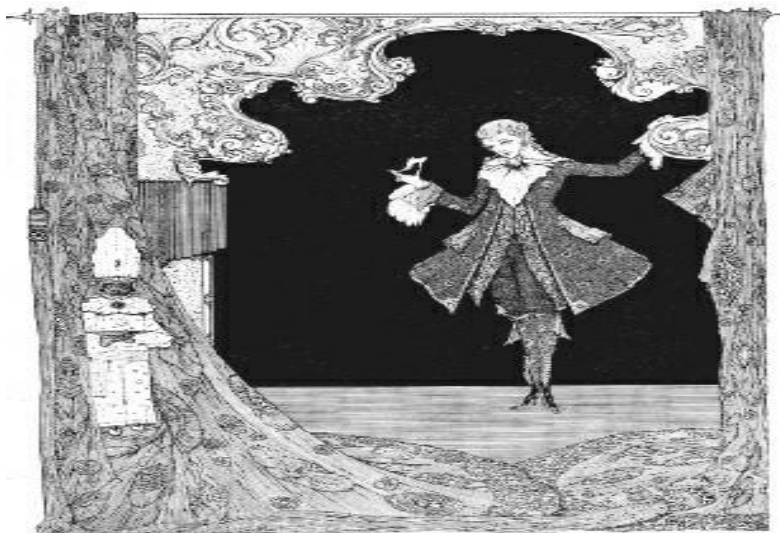
Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,

O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!”

O pé é muito grande e muito largo,

Há sangue escorrendo;

Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.



O príncipe olhou para o sapato e viu o sangue fluindo. Ele deu meia volta com seu cavalo e voltou à casa da noiva falsa, dizendo que ela não era a verdadeira e que a outra irmã deveria experimentar o sapato. A irmã mais nova entrou em seu quarto provou o sapato de ouro, os dedos dos pés ficaram confortáveis, porém o calcanhar era grande demais. Em seguida, sua mãe entregou-lhe a faca e disse:

— Corte um pedaço de seu calcanhar, quando fores rainha nunca terás que ir a pé.

A menina cortou um pedaço de seu calcanhar, enfiou o pé no sapato, calou a dor e foi até o príncipe, que apanhou sua noiva, subiram no cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira novamente, os dois pombos disseram:

Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,

O sangue escorre do sapato “Lá vão eles, lá vão eles!”

O pé é muito grande e muito largo,

Há sangue escorrendo;

Dê meia volta e leve a sua noiva verdadeira.

O príncipe olhou para o sapato e viu como o sangue fluía a partir do pé, as meias estavam completamente vermelhas de sangue. Ele voltou à casa da noiva mais uma vez e disse:

— Esta ainda não é minha noiva – disse ele. Você não tem outra filha?

— Não – disse o homem –, apenas a minha falecida esposa deixou-me Cinderela, é impossível que ela seja a noiva. Mas o filho do rei ordenou que ela fosse chamada, entretanto interveio a madrasta:

— Oh, não! Ela é muito suja para se apresentar.

Mas o príncipe insistiu e assim Cinderela tinha que aparecer.

Primeiro ela lavou as mãos e o rosto até que ficassem completamente limpos, entrou e curvou-se diante do príncipe, que estendeu a ela o sapato de ouro. Ela se sentou em um banquinho, tirou do pé o sapato de madeira pesado e colocou o dourado, que se adequou perfeitamente em seu pé. Quando ela se levantou, o príncipe olhou em seu rosto e soube que aquela era a bela moça que dançou com ele, exclamou:

— Esta é a noiva certa!

A madrasta e as duas irmãs ficaram horrorizadas e empalideceram de raiva, mas o príncipe colocou Cinderela em seu cavalo e partiu. E novamente passaram pela árvore de avelã e os dois pombos brancos falaram:

*Rôo crôo crôo, rôo crôo crôo,
O sangue não escorre no sapato,
O pé não é muito grande nem muito largo,
Sua verdadeira noiva está ao seu lado.*



Enquanto eles saíam, os pombos voaram e pousaram nos ombros de Cinderela, um à direita, outro à esquerda e assim permaneceram.

Em seu casamento com o príncipe, as irmãs falsas compareceram na esperança de beneficiarem-se, e claro, para participar das festividades. Assim como num cortejo nupcial foram à igreja, a mais velha entrou do lado direito e a mais nova à esquerda, os pombos bicaram um olho de cada vez das duas irmãs deixando-as completamente cegas. E foram condenadas a ficarem cegas para o resto de seus dias por causa de suas maldades e falsidades.

3.2. BRANCA DE NEVE (Jacob e Wilhelm Grimm)

Certo dia, no mais frio do inverno, quando flocos de neve do tamanho de penas pendiam do céu, uma rainha estava a costurar, sentada perto de uma janela com moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve espetando o dedo na agulha e três gotas de sangue caíram sobre a neve alvíssima.

O vermelho era tão bonito sobre o branco da neve que a rainha exclamou: “Gostaria de ter uma filha branquinha como a neve, com a boca vermelha com o sangue e os cabelos tão negros como a moldura de ébano da minha janela”. Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve tinha os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos negros como o ébano. Por isso recebeu o nome de Branca de Neve. A rainha morreu logo após o nascimento da criança.

Um ano depois, o rei se casou com outra mulher. Era uma belíssima dama, porém muito orgulhosa e arrogante, não tolerava a ideia que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se admirar, dizia:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Ó Rainha, sois de todas a mais bela.



Então ela sorria feliz, pois sabia que o espelho sempre falava a verdade.

Branca de Neve estava crescendo e, a cada dia que passava ficava mais e mais formosa. Quando chegou à idade de sete anos, ficou tão bonita quanto o dia brilhante e mais bela do que a própria rainha. Um dia, a madrasta perguntou ao espelho:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.

Ao ouvir estas palavras a rainha começou a tremer e seu rosto ficou verde de inveja. A partir daquele momento passou a odiar Branca de Neve. Sempre que seus olhos pousavam nela sentia seu coração frio como uma pedra. A inveja e o orgulho brotaram como ervas daninha em seu coração. De dia ou de noite, ela não tinha um momento de paz.

Um dia chamou o caçador e ordenou:

— Leve a menina para a floresta. Nunca mais quero vê-la novamente. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou.



O caçador obedeceu e levou a princesinha para um passeio na floresta. Em certo momento, Branca de Neve virou de repente e se deparou com o caçador com uma faca na mão pronto para deferir-lhe um golpe mortal. Inocente, começou a chorar e a suplicar:

— Aí, querido caçador, poupe minha vida. Eu prometo correr para a floresta e nunca mais voltar.

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse:

— Fuja pobre criança.

“Os animais selvagens irão devorá-la antes do tempo”, pensou. E sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado de seu peito, pois não queria matar a menina. Naquele instante, passou ali um filhote de javali e o caçador o matou à estocadas retirando em seguida seus pulmões e seu fígado para levá-los à rainha. Retornando ao palácio, entregou os órgãos à perversa que, exultante de satisfação, levou pessoalmente ao cozinheiro, dando-lhe instruções para fervê-los em salmoura. Depois de preparados, a rainha os comeu, pensando que estava se alimentando dos restos mortais da enteada.

Neste ínterim, a pobre menina vagava sozinha na vasta floresta. Estava muito assustada e começava a escurecer. Cada árvore, cada galho, pareceria tomar formas fantasmagóricas. Desesperada, pôs-se a correr cada vez mais adentro, embrenhando-se na mata, passando sobre pedras pontiagudas e arbustos espinhosos. De vez em quando feras

passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela corria tão apavorada que mal sentia as pernas.

Ao cair da noite, viu ao longe uma pequena cabana e entrou para se abrigar. Nessa casa todas as coisas eram minúsculas, mas tudo indescritivelmente limpo e organizado. Havia uma mesinha com sete pratinhos sobre uma toalha muito branca. Cada pratinho tinha uma colher pequena e do lado sete garfinhos e sete faquinhas, sem esquecer das sete canequinhas. Sedenta e com fome, Branca de Neve comeu algumas verduras, um pouco de pão de cada pratinho e tomou um gole de vinho de cada canequinha. Do outro lado, viu sete caminhas enfileiradas e extenuada por tantas emoções tentou deitar nelas, mas parecia não lhe caber. A primeira era muito longa, a segunda muito curta, já a sétima caminha era perfeita. Então, ela fez sua oração e adormeceu profundamente.



Era completamente escuro lá fora quando os donos da casa retornaram. Eram sete anões garimpeiros que passavam o dia nas montanhas escavando a terra em busca de minérios. Acenderam suas sete lanterninhas e, quando a casa se iluminou, perceberam que alguém tinha estado lá, pois nem tudo estava do jeito que tinham deixado.



O primeiro anão perguntou:

— Quem sentou na minha cadeirinha?

O segundo perguntou:

— Quem comeu no meu pratinho?

O terceiro perguntou:

— Quem comeu o meu pãozinho?

O quarto perguntou:

— Quem comeu minhas verdurinhas?

O quinto perguntou:

— Quem usou meu garfinho?

O sexto perguntou:

— Quem cortou com a minha facininha?

O sétimo, enfim, perguntou:

— Quem bebeu na minha canequinha?

O primeiro anão olhou ao redor e reparou que seu lençol estava amassado e disse:

— Quem subiu na minha caminha?

Os outros vieram correndo e cada um gritava: “Alguém dormiu na minha cama também”. Até que os olhos do sétimo anão caíram sobre sua pequena cama e viram Branca de Neve ali, dormindo. Começou a gritar chamando os outros que prontamente acudiram e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para ver melhor Branca de Neve.

— Meu Deus, meu Deus! – exclamavam boquiabertos. É a mais bela criança que já vimos!

Os anões ficaram tão encantados com a princesinha que resolveram não acordá-la e deixaram-na dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu por uma hora com cada um de seus companheiros durante a noite.



Pela manhã, Branca de Neve acordou. Quando viu os anõezinhos a volta de sua cama olhando para ela ficou bem assustada, mas eles foram muito amáveis e perguntaram:

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Branca de Neve – ela respondeu.

— Como você chegou à nossa casa?

Branca de Neve contou tudo que lhe acontecera, de como a madrasta mandou mata-la e como o caçador poupou sua vida. Contou que saiu correndo pela floresta por várias horas até chegar à cabana deles.

Os anões lhes disseram:

— Se cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e organizado pode ficar conosco, e nós vamos dar-lhe tudo que precisa.

— Sim, com prazer – ela respondeu.

Desde esse dia, Branca de Neve passou a cuidar da casa para os anões. De manhã bem cedo, eles saíam para trabalhar no alto das montanhas em busca de ouro e prata. Ao cair da noite, voltavam e encontravam um gostoso jantar prontinho à espera deles. Como a menina passava os dias sozinha, os bons anões recomendaram seriamente: “Cuidado com sua madrasta. Em breve ela vai saber que você está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa”.

A rainha, porém, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa que agora era a mulher mais linda do mundo. Foi até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— És sempre bela, minha Rainha. Mas na colina distante, cercada por sete anões, Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir essas palavras a rainha ficou abismada, pois sabia que o espelho era encantado e por isso não podia mentir. Depois quase explodiu de tanto ódio ao compreender que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Não perdeu tempo e, cheia de inveja, pôs-se imediatamente a maquirar uma maneira de se livrar dela.

Desceu aos porões do castelo onde costumava praticar feitiçaria e utilizando seus conhecimentos de bruxa ficou irreconhecível, tornando-se semelhante a uma velha. Nesse disfarce viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando fingiu ser uma vendedora e anunciou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Ouvindo isso Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Bom dia, minha senhora. O que você tem para vender?

— Coisas boas, coisas bonitas – a bruxa respondeu. Os mais finos cordões para corpete – e puxou rendas e tecidos de seda de muitas cores.

“Eu posso deixar está boa mulher entrar”, pensou Branca de Neve, e correndo o ferrolho da porta comprou o cordão mais bonito.

A bruxa, muito ladina, disse:

— Ó, minha filha, você é tão bonita, mas está tão desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cordão para você.

Branca de Neve completamente inocente, colocou-se diante da velha e deixou que ela lhe arrumasse. A perversa apertou tanto o cordão e tão depressa que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu desmaiada como se estivesse morta.

— Agora quero só ver quem é afinal a mais bela de todas – disse a velha que logo saiu correndo.

Não demorou a anoitecer e não demorou muito os sete anões voltaram para casa. Quando entraram deram com sua amada Branca de Neve estendida no chão e ficaram horrorizados. Ela não se movia e eles acreditavam que ela estivesse morta. Ergueram-na para colocá-la sobre a cama, quando perceberam o cordão do corpete fortemente amarrado e então o cortaram em dois. A princesinha começou a respirar e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam o que tinha acontecido, advertiram:

— A velha vendedora era a rainha disfarçada. Tome mais cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.

Assim que chegou ao castelo, a primeira coisa que a rainha fez foi dirigir-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como sempre fazia:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir as palavras do espelho a rainha ficou possessa de raiva e o sangue gelou em suas veias.

— Mas desta vez, – ela disse – vou sonhar com algo que irá destruí-la.

Usando toda bruxaria em seu poder, ela criou um pente envenenado. Então, mudou de roupa e se disfarçou mais uma vez como uma velha mulher. Viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões, bateu à porta e gritou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.

— Mas você pode pelo menos dar uma olhada – disse a velha que tirou o pente envenenado e ergueu-o no ar.

A princesinha gostou tanto que, completamente inocente, abriu a porta. Quando acordaram o preço, a velha afirmou:

— Agora vou dar a seu cabelo um bom penteado.

Pobre Branca de Neve não suspeitou de nada e deixou a mulher seguir em frente. Assim que o pente tocou seus cabelos o veneno fez efeito e a menina caiu sem sentidos no chão.

— Você está acabada – disse a malvada mulher, correndo para longe.

Felizmente, os anões estavam a caminho da cabana, pois era quase noite. Quando chegaram, viram Branca de Neve no chão como se estivesse morta e suspeitaram da madrasta imediatamente. Ao examiná-la, descobriram o pente envenenado. Logo que o puxaram, Branca de Neve recobrou à vida e disse-lhes o que tinha acontecido. Novamente avisaram-na para não abrir a porta a ninguém.

No castelo, em frente ao espelho a rainha perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como antes:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve é a mais bela que já vi.

— Branca de Neve tem que morrer! – vociferou. Mesmo que me custe a vida.

A rainha entrou no calabouço, onde ninguém jamais pôs os pés, e fez uma maçã envenenada. A aparência da fruta encantada era maravilhosa – branca com as faces vermelhas – se você a visse, você ansiaria comê-la. Mas bastaria a menor mordida para levar-lhe à morte.

Assim que terminou de preparar a maçã enfeitiçada, usando de artimanhas, transmutou-se desta vez na forma de uma velha camponesa e partiu para além das sete colinas até a casa dos sete anões.

A bruxa bateu à porta e Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões não permitem isso.

— Está tudo bem – respondeu a velha camponesa. Vou me livrar das minhas maçãs em breve. Aqui, vou lhe dar uma.

— Não – disse Branca de Neve. Não devo aceitar nada de estranho.

— Você tem medo que esteja envenenada? – perguntou a velha. Olhe, vou cortar a maçã ao meio. Você come a metade vermelha e eu como a outra branca.

A maçã havia sido feita de modo astucioso, apenas a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve estava com água na boca de tanto desejo pela bonita maçã e, quando viu a camponesa morder seu pedaço, não resistiu. Estendeu a mão para fora da janela e pegou a outra metade. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha triunfante olhou-a caída e desatou a rir:

— Branca como a neve, boca vermelha como o sangue, cabelos negros como o ébano! Desta vez aqueles horríveis anões não conseguirão trazê-la à vida.

Chegando ao castelo, dirigiu-se de imediato ao espelho mágico e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

E, finalmente, a resposta:

— Ó Rainha, sois vós a mais bela do reino.

E a invejosa rainha mal podia se conter de tanta felicidade.

Ao cair da noite, os anões voltaram para casa e encontraram Branca de Neve caída no chão. Nem um sopro de ar em seus lábios. Ela estava morta. Ergueram-na para procurar algo em volta que pudesse ser venenoso. Desamarraram-lhe o corpete, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi em vão. A criança querida se fora e nada poderia trazê-la de volta. Depois de colocá-la em um esquife, todos os sete anões se sentaram ao redor e a velaram. Choraram a mais profunda tristeza durante três dias. Estavam prestes a enterrá-la, mas ela ainda parecia tão viva com belas bochechas vermelhas.

Um dos anões disse: “Não podemos enterrá-la”. E, então, construíram um caixão de vidro transparente, que permitia Branca de Neve ser vista por todos os lados, com inscrições em ouro com seu nome e os dizeres que ali estava a filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha e mantinham sempre um deles em vigília. Os animais também foram lamentar por Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e, por último, uma pomba.

Branca de Neve permaneceu no caixão por um longo e longo tempo. Entretanto, seu corpo não se decompôs e dava a impressão de estar dormindo. Suas feições continuavam as mesmas, branca como a neve, boca vermelha como o sangue e cabelos negros como o ébano.

Certo dia, o filho de um poderoso rei atravessava a floresta quando chegou à casa dos anões para pedir hospedagem por uma noite. Quando subiu no alto da montanha, à procura dos donos da cabana, se deparou com o caixão com a bela Branca de Neve deitada

dentro dele, rodeado pelos sete anões. Leu os dizeres em letras douradas e, encantado com a beleza da princesinha, disse:



— Deixai-me levar o caixão. Eu darei o que pedirem.

Os anões responderam:

— Nós não venderíamos nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe respondeu:

— Deem-me, então, como presente, pois depois que a vi não posso mais viver sem ela. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse minha amada.

Os bons anões comovidos com o profundo sentimento do príncipe se apiedaram dele e lhe entregaram o caixão. O príncipe mandou vir seus servos a quem ordenou que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que tropeçaram em um arbusto e o solavanco desprende o pedaço de maçã envenenada alojado na garganta de Branca de Neve. Ela prontamente voltou à vida e exclamou:

— O que aconteceu, onde estou?

O príncipe radiante de alegria disse:

— Você vai ficar comigo – e contou-lhe o que acontecera. Eu te amo mais que tudo no mundo, ele disse. Venha comigo para o castelo de meu pai, seja minha noiva!

Branca de Neve sentiu um grande amor pelo príncipe e partiu com ele. Em breve as núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A perversa madrasta de Branca de Neve também foi convidada para a festa do casamento. Vestiu suas mais belas roupas, postou-se diante do espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.

A malvada mulher soltou uma maldição e estava tão paralisada de raiva que não sabia o que fazer. No começo, não queria comparecer à festa de casamento.

Mas resolveu ir e conhecer a jovem rainha.

Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A madrasta, ao perceber que se tratava da princesinha, ficou tão aterrorizada que não conseguiu ceder um centímetro dali. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre fogo em brasas. Foram levados por tenazes e colocados bem na sua frente.

A bruxa foi obrigada a calçar os sapatos de ferro em brasa e dançar em torno de si até, finalmente, cair morta.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS

4.1. Cinderela

A origem desse conto tem diferentes versões. A versão mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado *La gatta cenerentola* ("A gata borralheira").

A obra de Perrault, por ser uma das “primeiras elaborações literárias completas da história” (TATAR, 2004, p. 38), encarregando-se de um enredo onde o mau se contrapõe ao bom o tempo todo; onde, ainda, protagonizando um final romântico, Perrault insere a questão da moralidade na história, voltando os olhos do leitor para a importância em se viver de forma louvável e virtuosa, pois assim será recompensado.

Atualmente, a versão mais conhecida é a feita pela Disney, através das músicas, a carruagem feita da abóbora e aquele final feliz. Cinderela é uma das princesas mais amadas, na qual as meninas idealizam o sonho de encontrar seu príncipe encantado.

Os filmes que mostram a história do conto de Cinderela, usam apenas a essência do conto: Madrasta que obriga a enteada a trabalhar para ela, duas irmãs chatas e um “príncipe”.

Um exemplo mais famoso é “A Nova Cinderela”, filme onde a Hilary Duff interpreta uma garçonne que trabalha feito escrava na lanchonete da madrasta. Ao invés da Cinderela perder seu sapatinho de ouro, esquece seu celular no baile de máscaras de escola. Entretanto, o sonho de consumo da protagonista do filme, não é um príncipe encantado, e sim o gatinho mais famoso da escola, que trabalha com o pai, em um posto de gasolina.

Anos depois, surgiram dois musicais: “Outro Conto da Nova Cinderela”, com a Selena Gomez, que é outra empregada injustiçada que se apaixona por um astro da música Teen, e o mais recente: “A Nova Cinderela: Era Uma Vez Uma Canção”, com a Lucy Hale. Existe também, uma adaptação antiga interpretada por Drew Barrymore, que tem um dos melhores títulos de todos: “Para Sempre Cinderela”.

Além das animações de Walt Disney - que sempre se inspiraram nos contos de fadas- merece destaque o filme *Uma linda mulher*, protagonizado por Julia Roberts, e que foi sucesso de bilheteria nos anos 1990.

4.2. BRANCA DE NEVE

A história dessa pequena garotinha foi contada ao longo dos séculos em várias produções audiovisuais diferentes, cada uma delas adaptada ao contexto sócio histórico e, principalmente, ao meio de propagação escolhido para sua reprodução.

Considerado o primeiro registro do conto da Branca de Neve, é o “Branca de Neve” dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que conta a história partindo do desejo de sua mãe, a rainha, de “ter uma filha branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o caixilho da janela!” (GRIMM, GRIMM, 2008, p. 358), fazendo menção ao momento em que, enquanto costurava, se distrai com a paisagem da janela e fere o dedo, deixando cair três gotas de sangue na neve.

O conto registrado pelos irmãos Grimm é uma compilação da tradição oral que eles colheram há duzentos anos, e que resultou em uma coletânea de vários enredos que se perpetuaram por meio de suas publicações, que são muito procuradas e lidas até hoje.

Pode-se considerar que a Branca de Neve dos Grimm, foi a precursora de todas as outras que existem, principalmente na mídia em geral, pois, é nessa história que os irmãos delimitaram as características principais da personagem e, sobretudo, seu desfecho, indicando caminhos a serem explorados e, conseqüentemente, reinventados.

É possível fazer a comparação entre as produções escolhidas para abordar o tema já na introdução feita em cada uma delas:

Era uma vez, uma linda princesinha chamada Branca de Neve. Sua vaidosa e malvada madrasta, a rainha, notou um dia que a beleza de Branca de Neve excederia a sua. Cobriu então a princesinha de andrajos e obrigou-a a trabalhar como criada. (Branca de Neve e os Sete Anões, 1937)

No longa metragem Espelho, espelho meu, o mesmo sentido é usado para iniciar o filme, no entanto, há um toque de sarcasmo, já que a história é contada sob o ponto de vista da rainha.

Era uma vez um inverno gelado. Uma rainha que admirava a neve cair, quando viu uma rosa que brotava desafiando o frio. Ao tocá-la ela espetou o dedo e três gotas de sangue caíram. E como o vermelho se mostrou tão vivo em contraste com a neve ela pensou: “Ah, se eu tivesse uma filha branca como a neve, de lábios rubros como o sangue, cabelos negros como as asas de um corvo e com a força desta rosa.” Pouco tempo depois, a rainha deu à luz uma menina que ela chamou de Branca de Neve. Ela era admirada por todo o reino, não apenas por seu espírito trépido, mas também por sua beleza. (Branca de Neve e o Caçador, 2012)

A imagem de Branca de Neve é sempre retratada como indicado pelos Irmãos Grimm: com a doçura e a ingenuidade de uma menina que sofre com a perda dos pais e

se vê perdida diante da crueldade da madrasta, que precisa se livrar dela para se tornar a mais bela de todas.

Essa personagem, cujas principais características são a fragilidade e a beleza, se perpetuou por sua pureza de sentimentos, e que, além de muito sofrer nas mãos de sua madrasta, só por ser mais bela, não sofreu qualquer transgressão de caráter. Em sua caminhada, encontrou amigos e o tão esperado príncipe encantado que veio salvá-la de todo mal. (RESINA, 2009, p. 158)

O filme produzido pela Walt Disney foi o primeiro longa-metragem de animação dos Estados Unidos e considerado um marco na história do cinema. No documentário incluso no DVD com o filme, Walt Disney se refere ao conto de Branca de Neve como a história perfeita: “Tinha os anões bonzinhos e tudo. O príncipe e a garota, o romance. Achei que a história era perfeita, o roteiro perfeito. Tinha ritmo do início ao fim. Havia solidariedade desde o início.” (Branca de Neve e os Sete Anões, 1932)

Nesse filme, existem muitas considerações a serem feitas a respeito da personagem, pois ela é a reprodução da Branca de Neve criada pelos Irmãos Grimm. No conto, os Grimm não são tão detalhistas, pois isso deve ficar por conta da imaginação do leitor, no entanto, quando a narrativa é passada para a linguagem do audiovisual, é necessário que as lacunas sejam preenchidas. (BERNARDINI; REMOLI, 2012)

A obra, como um todo, foi considerada um grande marco, e, ao mesmo tempo, criou um ideal, transformando Branca em um personagem reconhecido e com um semblante familiar, já que, quando se fala em Branca de Neve, é difícil não pensar nos traços delicados propostos pela Disney.

CAPÍTULO V

5. A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS: CINDERELA E BRANCA DE NEVE

Os contos Branca de Neve e Cinderela são analisados apenas em uma versão: a de Jacob e Wilhelm Grimm. De acordo com essa versão, Branca de Neve simboliza a concretização do desejo de sua mãe em ter uma criança bela, com as bochechas vermelhas igual a cor de uma maçã — que é fruto proibido, sendo assim um elemento simbólico da perdição, do prazer — e com os cabelos negros. No conto, o branco nos lembra a pureza, a inocência; o vermelho, a paixão, a sexualidade e suas madeixas escuras remetem à noite, à escuridão, ao sofrimento.

O conto de Branca de Neve, segundo Bruno Bettelheim (1997) é aparentemente infantil e inocente, e traz muitos símbolos relacionados à sexualidade, ao erotismo e à sensualidade.

A madrasta de Branca de Neve, por intermédio do espelho – que representa a metáfora da voz da consciência feminina, invejosa, narcísica e vulgar - fica ciente da beleza da juventude da enteada, o que faz ela exigir que o caçador mate-a, e como prova de que a matou, traga para ela seus pulmões e seu fígado.

A origem desses contos, vem de tempos muito remotos, no qual as sociedades existentes na época, mostravam claramente as diferenças entre os direitos e oportunidades entre homens e mulheres.

De acordo com Bettelheim (1997), enquanto João (de o Pé de Feijão) ou Aladdin, vivem várias aventuras exteriores e assim conseguem se dar bem, sendo valentes, valorosos, e as vezes, tem uma mãozinha da magia, fica claro, como a grande heroína dos contos de fadas, demonstra ser uma moça desfalecida, sem forças ou em apuros (Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida) que necessita da intervenção masculina, do beijo apaixonado de um príncipe ou da ajuda de um caçador para que se consiga sair do processo de maturação, representado pelo tempo de penúria e adormecimento. Essas dicotomias, deixa claro, um estereótipo sobre o comportamento da mulher, mostrando como ela deve se portar em meio a sociedade, quais locais seria adequados e revela os locais proibidos para a mulher.

É notório que a figura masculina é representada como uma pessoa de ação, que está sempre em busca de aventuras externas, que interage com o espaço público, enquanto a mulher, é sempre a sofredora, que não se realiza como pessoa, cheia de limites.

Para Bettelheim (1997), em sua visão psicanalítica de alguns contos, falando sobre a aquisição da maturidade sexual, ressalta que o pé de Cinderela, são pés pequenos, simbolizando a feminilidade, em contraste com as meias-irmãs, que por terem pés grandes e grosseiros, foi necessário mutilá-los, para serem aceitas pelo príncipe. Sendo assim, o pé pequeno de Cinderela representa a mulher mais feminina e desejável que as outras..

Atualmente, se faz necessário que aspectos progressistas, sejam realizados pela Disney, em relação a personagens femininas, para então, criar histórias que enquadrem personagens femininas que dispensam o final feliz com o príncipe encantado, demonstrando que a mulher, pode sim, realizar seus sonhos sozinha e desbravar o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo norteador dessa pesquisa teve como base a leitura dos contos infantis, visando compreender o feminismo nos contos de fadas tradicionais: espectros da submissão e da resistência, de acordo com a versão dos irmãos Grimm.

Os contos de fadas ao longo do tempo, sofreram inúmeras adaptações para que se tornassem infantis, porém ainda carregam consigo a essência, com violência e erotismo.

Os contos servem como um instrumento facilitador na mediação entre professor/aluno, pois falam de sentimentos como: ódio, ambição, rejeição, inveja e frustrações, causando um impacto no psiquismo infantil, por ser relacionado as experiências vividas em seu cotidiano, despertam o emocional da criança, colaborando com a formação da personalidade, encorajando a novas atitudes e assim, contribuindo para o desenvolvimento intelectual.

A leitura dos contos de fadas e a literatura infantil, amplia as oportunidades para que a criança venha desenvolver-se nos aspectos: criatividade, cultura, conhecimento de si e do mundo. Leva a criança a refletir o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência,

Portanto, estudar, discutir e aprender, por meio da leitura e reescrita dos contos de fadas, a história do nosso povo (homem, mulher e criança) é uma valiosa oportunidade para conhecer as nossas crianças, o que pensam de si e do outro, do seu espaço social, a conexão entre a realidade e fantasia (irreal). Uma vez que, a leitura dos contos de fadas nos espaços educativos, reflete sobre padrões, condição social, valores culturais impressos nas imagens e linguagens, além de buscar problematizar a condição de vida (beleza, situação do homem e da mulher).

Em linhas gerais, a psicanálise utiliza os contos de fadas para explicar algumas ocorrências psicológicas. A literatura encontra neles interpretações que as crianças às vezes não imaginam, mas que estão ali. Muitas pessoas podem não acreditar nessas conclusões de contos tão amados por elas na infância.

Por fim, é preciso contribuir na (re) construção de uma identidade desde a infância, pois sabemos que é um processo contínuo e dinâmico que acontecerá no decorrer da existência do sujeito permeando as dimensões cognitivas, sociais, afetivas, culturais, religiosas etc..

7. REFERÊNCIAS

AVILA, Marina. QUEIROZ, Tamara. (Org.). **Contos de fadas em suas versões originais**. Volume 1. Editora Wish. Le Livros, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas. Análise dos Personagens Femininos**. Na Terra das Fadas. Le Livros. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª ed. Trad. Arlene Aetano. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BERNARDINI, Gleice; REMOLI, Taís Crema. **A Bela e “A Fera”**. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completo/GT8%20Literatura%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Ideias%20e%20A%C3%A7%C3%B5es/35.Gleice%20e%20Thais_A%20bela%20e%20a%20fera.pdf>, 2012. Acesso: nov/2016.

COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1996

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999

DVD Branca de Neve. <<http://www.disney.com.br/DVD/brancadeneve/>>. Acesso: out/2016

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

FILHO, José Nicolau Gregorin. PINA, Patrícia Kátia da Costa. MICHELLI, Regina da Silva. (org.). **A literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras**. Editora: Dialogarts – Rio de Janeiro. 2011.

FRANZ, Marie Louise Von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. Editora Paulus. São Paulo, 1985.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de Grimm**. Trad. David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História & Histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Um Brasil para crianças**. 4ª edição. São Paulo: Global Editora.

_____. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. Série Educação em Ação. Editora Ática, 1993.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros.** Editora Zahar. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges.2010.

PAIVA, A.; RODRIGUES, P.C.A. **Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades.** In: MACIEL, F.I.P.; MARTINS, R.M.F. (Org.). **Alfabetização e Letramento na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RESINA, Maria Madalena. **A manipulação dos contos de fadas.** In: Miscelânea, vol. 6, jul./nov.2009. Disponível em: <<http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RvistaMiscelanea/v6/maria.pdf>>. Acesso: out/2016

TATAR, Maria (Org.). **Contos de fadas: edição comentada & ilustrada.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.